

SEXUALIDADE, AFETIVIDADE E PRODUTIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES

Veridiana Alves¹

SEXUALITY, AFFECTIVITY AND PRODUCTIVITY IN THE CONTEMPORARY: SOME REFLEXIONS

Resumo: Pensar em sexualidade implica pensar nas variadas formas de prazer e na multiplicidade de expressões e vivências que ela possibilita. A sexualidade humana se alimenta do desejo. Se este falta, a satisfação nunca é completa. Além disso, é preciso o outro nos desejar, o que, inevitavelmente, vincula a sexualidade ao afeto, o qual provoca arrepios e dá sentido às experiências sexuais. Por outro lado, a privação afetiva excede os limites “naturais” da vivência da sexualidade. Importa que as formas de vivê-la façam sentido, porque, assim, o sujeito também se torna mais produtivo. A afetividade se coloca, então, na interface entre a sexualidade e a afetividade, conferindo sentido a ambos. Atendendo ao princípio do prazer, trabalho e sexo emergem como fontes de gratificação. Se vivido com afeto, o bem-estar em um promove bem-estar no outro. Importa, pois, refletir sobre a importância do afeto e seus reflexos na sexualidade e na produtividade.

Palavras-chave: Sexualidade; afetividade; produtividade; psicanálise; contemporaneidade.

Abstract: Think about sexuality implies to think about the varied forms of pleasure and the multiplicity of expressions and experiences that it makes possible. The human sexuality being if feeds of the desire. If this lack, the satisfaction never is complete. Moreover, the other in desiring to them,

¹ Mestre em Psicologia Clínica; Professora da Universidade Católica de Pernambuco.
e-mail: veridianacosta@hotmail.com

what, inevitably, it ties the sexuality with the affection, which is necessary provokes chills and of the direction to the sexual experiences. On the other hand, the affective privation exceeds “the natural” limits of the experience of the sexuality. It matters that the forms of living make it sense, because, thus, the citizen also becomes more productive. The affectivity, then, be in the interface between the sexuality and the affectivity, conferring felt to both. Taking care of the beginning of the pleasure, work and sex emerge as gratuity sources. If lived with affection, well-being in one promotes well-being in the other. It matters, therefore, to reflect on the importance of the affection and its consequences in the sexuality and the productivity.

Keywords: Sexuality; affectivity; productivity; psychoanalysis; contemporary.

Falar de sexualidade implica, antes de tudo, pensá-la da forma mais ampla do que a que o uso habitual do termo propõe. Mesmo tendo por base o corpo, ela está para além do biológico, ou seja, muito vinculada ao universo da fantasia, da afetividade, das múltiplas possibilidades de vivê-la e expressá-la. Embora também seja sexo, é muito mais que isso. Pensando com Freud (1975[1914]), a sexualidade se liga a formas de gratificação e prazer. Nessa linha de pensamento, podemos entendê-la como uma energia que nos impulsiona à busca do prazer, mas não o prazer unicamente genital, e sim, plural. Pelo fato de se alimentar do desejo, ela pode ser plural, pois o desejo significa falta, carência, inquietação.

A posse do corpo do outro e a extração de prazer por meio dele, de diversas formas, sem dúvida, produzem muita satisfação, porém isso é insuficiente, mesmo estando-se com o outro a quem se deseja. Não basta o corpo do outro; é necessário, sobretudo, que esse outro também nos deseje. A psicanálise nos lembra que o desejo se situa na ordem do pulsional, por isso não se satisfaz no concreto. Ele é sempre remetido ao imaginário, para além do biológico – eis a marca da sexualidade humana. Assim sendo, na percepção de estar sendo desejado pelo outro é que se dá a satisfação especificamente humana, que atende ao desejo: sentir que o outro nos deseja, ama-nos, respeita-nos, considera-nos. Nesse sentido, a sexualidade se articula ao afeto, pois ela é sempre encontro de corpos e subjetividades – seres desejantes. Ela só ganha sentido na partilha, na troca, sobretudo, do afeto, e o sentido é que provoca arrepios... Otávio Paz (1994, p. 97) nos lembra que “*O amor é a metáfora final da sexualidade*”. De fato, o amor acaba sendo inevitável quando o sexo é partilha entre as pessoas, quando há entrega ao outro e acolhimento

deste, quando há partilha democrática e sensível de gestos e emoções, quando há afeto. Lembremos as palavras de Caridade:

[...] a possibilidade afetiva é inimaginável, porque sua maior fonte é o desejo e seu limite é a inventividade humana [...] Criamos possibilidades de afeto, inventamos suas expressões porque esta é uma necessidade vital do ser humano. (CARIDADE, 1997, p. 71)

Do mesmo modo, inventamos também formas de viver a sexualidade. Quando ela é vivida com afeto, podemos mais nos aproximar não só do prazer mas também do gozo. Do contrário, a privação afetiva quase sempre nos impede de ousar, de reinventar, de descobrir e utilizar o melhor de nós próprios.

Embora a sexualidade seja algo muito particular e sempre possível de ser reinventada, ressignificada, porque os modos de vivê-la são plurais, convém ressaltar, neste contexto, que todos nós convivemos com limites e limitações. Os limites se relacionam às condições do corpo e também às condições da realidade psíquica e emocional da pessoa. Todos nos deparamos com dificuldades e limites, seja por causa do corpo, seja por condições educacionais, seja por condições internas mal resolvidas. Isso porque somos seres de cultura e sofremos as pressões dos controles exercidos pela família, pela escola, pela sociedade, pela religião etc. Não raro, os maiores limites estão nos conceitos internalizados, que nos impedem de viver a sexualidade mais plenamente. Em contrapartida, vivemos na cultura que postula felicidade e prazer sem limites, o que produz ilusão também sem limites. A sociedade atual, por meio da veiculação de discursos e práticas sexuais, não tem assegurado vivência mais plena da sexualidade, porque impõe regras e exigências, estabelece padrões de experiência sexual os quais freqüentemente desprezam a singularidade e desconsideram o afeto. Muitas vezes, deixamos de viver o possível, porque não correspondemos ao ideal postulado pela cultura ou até por nós mesmos.

Para além dos padrões impostos e das exigências externas, importa as diferentes formas de vivência da sexualidade fazerem sentido para cada um, de modo que ela possa ser vivida com mais prazer. Nesse sentido, parece notório que quanto melhor lidamos com a afetividade, melhor vivemos a sexualidade, melhor ficamos diante das exigências externas e mesmo das expectativas internas de experiência sexual. Isso nos remete, inevitavelmente, à qualidade de tal experiência e à produtividade, em dupla vertente: sexual e profissional. Em ambos os casos, é preciso haver sentido; o sexo fazer sentido, tal qual o trabalho deve fazer sentido para a pessoa. Aqui, o afeto está exatamente na interface entre a sexualidade e a produtividade, sempre na busca pela satisfação.

No texto “*O mal-estar na civilização*”, ao questionar sobre o propósito e a intenção da vida humana, Freud (1975[1930]) destaca: o que todo homem deseja na vida é alcançar a felicidade e permanecer feliz. Movido pelo princípio do prazer, o ser humano visa à ausência de sofrimento e de desprazer, buscando sempre a experiência de intensos sentimentos de prazer. Contudo, nossas possibilidades de felicidade são sempre restringidas por nossa própria constituição. Então, resta-nos buscar, incessantemente, afastar o sofrimento. Para ele, uma das formas de fazer isso é agir sobre as pulsões. Aqui, ele salienta a sublimação, ou seja, intensificar a produção de prazer a partir das fontes do trabalho; mas ressalta, também, a fragilidade dessa técnica: por exigir disposições especiais para ser aplicável, não é tão comum. Além disso, não proporciona proteção completa contra o sofrimento, pois “[...] não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa” (FREUD, 1975[1930], p. 99).

Ao comentar essa afirmação em nota de rodapé, Freud (1975[1930]) argumenta que, quando não existe, na pessoa, disposição especial que prescreva a direção que seus interesses na vida tomarão, o trabalho profissional comum pode desempenhar papel imprescindível, pois

[...] nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. (FREUD 1975[1930], p. 99).

Em suma, isso significa a possibilidade de deslocar componentes da vida libidinal para o trabalho profissional e para os relacionamentos humanos a ele vinculados e, a partir daí, a obtenção do prazer. E ele mesmo salienta:

[...] A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes [...] No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob a pressão da necessidade [...] (FREUD, 1975[1930], p. 99).

Nesse comentário, Freud (1975[1930]) deixa implícita a sua idéia principal de sexualidade como fonte de prazer e gratificação, que pode ser obtida de diferentes formas. Isso nos remete a pensar sobre o trabalho e o sexo na contemporaneidade. Por um lado, temos a exigência de excelência e os padrões estabelecidos para se “viver bem a sexualidade”, que distancia, como já dissemos, o sujeito de sua forma própria de satisfação e produtividade.

Por outro lado, temos um contexto em que a instabilidade profissional e financeira faz, muitas vezes, o sujeito se distanciar daquilo que lhe dá prazer, com igual reflexo na satisfação profissional e, por que não?, pulsional, bem como na produtividade. Em ambos os casos, vemos restrições nas formas possíveis de satisfação, dentre outras coisas, porque o sujeito fica limitado na sua liberdade de escolha.

Ainda no mesmo texto, o autor lembra que caminhos muito diferentes podem ser tomados na direção da busca do prazer e de evitar o sofrimento. Nenhum deles, contudo, leva a tudo o que desejamos, logo

[...] não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem que descobrir por si mesmo, de que modo específico ele pode ser salvo [...] É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e finalmente, de quanta força sente à sua disposição [...] (FREUD, 1975[1930], p. 103).

Isso se aplica tanto à vida sexual quanto à vida profissional, pois se trata, em suma, do que faz sentido, e, como vimos, o que dá sentido, seja ao sexo (ou sexualidade), seja ao trabalho, é o afeto que envolve tais questões. Obviamente, no *“Mal-estar na civilização”*, todo o esforço de Freud (1975[1930]) se concentra em mostrar o quanto a fonte do sofrimento humano reside na repressão sexual, que impõe limites à vivência da sexualidade.

Recorremos a ele para mostrar que estamos falando, no mínimo, de uma via de mão dupla: a realização profissional favorece a vivência mais plena da sexualidade, assim como a realização sexual favorece a produtividade; ambos contribuem para a realização do princípio de prazer – a busca de satisfação. Logo, estar em paz com a sexualidade melhora a produção profissional, bem como a satisfação profissional melhora a sexualidade, principalmente se tudo isso for vivido com muito afeto.

Referências bibliográficas

- CARIDADE, A. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo, Iglu, 1997.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 14.
- _____. O mal-estar na civilização (1930[1929]). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 21.

PAZ, O. **A dupla chama: amor e erotismo.** Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

Bibliografia consultada

CARIDADE, A. “Limites” da sexualidade no câncer: a arte de ressignificar.

In: LEITÃO, M. S. **Psico-oncologia.** O encontro da ciência com a espiritualidade. Coletânea do VII Congresso Brasileiro de Psico-oncologia. Campinas: Livro Pleno, 2003, p. 125-128.

_____. **Sexualidade: corpo e metáfora.** São Paulo, Iglu, 1997.

CHEMAMA, R. (org). **Dicionário de Psicanálise.** Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana.** v. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.